

*ADÉLIO FERNANDO ABREU*  
*LUÍS CARLOS AMARAL*  
*(COORDENAÇÃO)*

**ENTRE A MONARQUIA  
E A REPÚBLICA**  
**OS TEMPOS DE D. ANTÓNIO BARROSO  
NO CENTENÁRIO DA SUA MORTE  
(1918-2018)**

UNIVERSIDADE | CENTRO DE ESTUDOS  
CATÓLICA | DE HISTÓRIA RELIGIOSA  
PORTUGUESA

LISBOA 2020

## PREFÁCIO

### *Em louvor do Homem forte*

Como indica o próprio título e tema do Colóquio do qual, agora, se publicam as atas, o objeto de estudo não consistiu tanto numa pessoa, mas sim mentalidades e circunstâncias plenamente datáveis: «Os tempos de D. António Barroso». Não obstante, foi a figura e a história pessoal deste Bispo do Porto quem diretamente motivou a realização do evento e estimulou a investigação científica destes peritos, grandes entre os maiores.

Mas porquê recuperar um simples Bispo, para mais, alguém que foi doutro tempo que não o nosso? Diletantismo intelectual? Culto da personalidade?

A história da humanidade nem é o produto do acaso nem o resultado de forças antitéticas que lutam entre si. É antes o efeito da determinação pessoal, gerada a partir do exemplo de alguns que se adiantam e merecem ser elevados à categoria de modelos ou paradigmas que a multidão admira e tende a copiar. Modelos salvadores ou modelos que só acrescentam desgraça. E para que não haja enganos trágicos, é preciso iluminar os primeiros e destapar a crueldade dos outros.

D. António Barroso é um daqueles Homens que, nos alvares do terrível século XX – o século das mais horrorosas ditaduras e, conseqüentemente, das duas únicas guerras mundiais – como que sintetiza a fortaleza e a determinação que hão de caracterizar uma humanidade que sabe resistir ao mal da violência imposta, optar pelo bem da liberdade, respeitar a sábia convivência plural e, na doçura da mansidão, assumir a tarefa de transportar e deixar guiar-se pela luz da racionalidade, quando tantos a perderam.

Sim, o que mais caracteriza este responsável pela Igreja Portucalense nos tempos da transição da Monarquia para a República é a fortaleza: é ela que o “força” a partir para o desconhecido das terras de missão, que lhe acrescenta resistência para não se submergir nas provocações carbonárias, que o robustece para enfrentar os exílios, que o vigora para, mesmo do exterior, dirigir a sua

Diocese, etc. Como refere o Catecismo da Igreja Católica, esta virtude cardial, ou simplesmente humana, é que «torna capaz de vencer o medo, incluindo o da morte, e de afrontar as provações e as perseguições. Concede a coragem de atingir a renúncia e o sacrifício da própria vida para defender uma causa justa» (nº 1808).

Fortaleza é um específico “dote” moral, não nascido com a condição humana, mas sábia e persistentemente cultivado, que se visibiliza em força de ânimo, firmeza, vigor. E que muito contribui para a nobreza de caráter, para a estatura plenamente humana, para a grandeza do verdadeiro líder e consequente distinção perante o “vulgo”. Como tal, é ela a razão do apreço que se devota aos “maiores”.

Da mesma forma que não se nasce portador desta virtude, também não se exprime nos momentos triviais da vida: só vem ao de cima quando as circunstâncias obrigam a ser consequente com ela ou a negá-la. Recordemos essa belíssima obra que é *Os diálogos das Carmelitas*, de Georges Bernanos. Escreve este autor que, ali pelos finais do século XVIII, uma jovem, Branca de la Force, de seu nome, filha do Marquês de la Force, entrou em clausura, fundamentalmente, pelo medo de viver num mundo convulso e em desagregação. Em pleno Terror da Revolução Francesa, o seu mosteiro foi invadido pelos extremistas e as suas Irmãs arrastadas como prisioneiras. Ela escondeu-se. E escapou. Mas, ao chegar-lhe a notícia da iminente execução das suas Irmãs, não hesitou: dirigiu-se ao lugar do martírio, pois não enfrentar a morte seria o mesmo que negar a sua comunidade. E as dezasseis foram guilhotinadas a 17 de julho de 1794.

Tal como a Irmã Branca de la Force, D. António Barroso não escolheu ser herói nem mártir. Mas as circunstâncias obrigaram-no a optar entre isso e a vilania. Elegeu o primeiro. Com evidente sacrifício. E ensinou-nos que, sem a fortaleza, é vazio o horizonte da geografia plenamente humana, pois é ela quem sintetiza o contributo indispensável das outras virtudes cardiais: sem a prudência, a fortaleza não passaria de cegueira; sem a justiça, tornar-se-ia livre arbítrio; sem a temperança, cairia na violência gratuita.

Ensinou-nos a nós e aos Homens e Mulheres de todos os tempos.

Porto, 20 de julho 2019

*Manuel, Bispo do Porto*

## APRESENTAÇÃO

Entre a Monarquia constitucional e a Primeira República viveu António Barroso. Nascido em Remelhe, Barcelos, em 1854, frequentou o Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, antes de ser ordenado presbítero, em 1879, e partir como missionário, ao serviço do Padroado português, para Angola e Congo, Moçambique e Meliapor. Aí se encontrava quando foi nomeado bispo do Porto, diocese que pastoreou entre 1899 e 1918, com um estilo missionário e uma irredutível firmeza, esta no contexto subsequente à afirmação da República, em 1910.

Por ocasião do centenário da sua morte, entendeu a Diocese do Porto, secundada desde o primeiro momento pelo apoio científico do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, promover um colóquio com o objetivo de abordar a vida e a ação pastoral de D. António Barroso, inscritas no cenário político, social e eclesial do seu tempo, entre a Monarquia e a República. Todo o programa do encontro científico foi pensado no sentido de estudar a multifacetada personalidade do prelado, promovendo uma atualização do conhecimento já produzido e abrindo caminho para novas investigações. Deste modo, procurou-se uma aproximação à figura em estudo, partindo de sucessivas contextualizações, que nos permitem aceder melhor ao seu pensamento e à sua intervenção pastoral e política, desenvolvidas em época de particular tensão e mudança. Na realidade, D. António Barroso, pelo ativo papel desempenhado em diversos cenários do universo português de então, constitui uma dessas poucas personagens que parecem sintetizar em si todo um tempo.

Para além do diálogo e da discussão desenvolvidos ao longo do colóquio, com o presente livro e, sobretudo, com os estudos que o mesmo contém, procura-se contribuir para um conhecimento que perdure e para que se prolongue a reflexão sobre o prelado e o Portugal coevo.

O primeiro texto é assinado por Jorge Fernandes Alves, a quem coube a intervenção inicial do colóquio. Percorrendo o século XIX português, deixa claro o complexo processo de instalação e institucionalização do regime liberal.

A instabilidade política resultou na recorrente dificuldade em encontrar equilíbrios e diretrizes, tanto nas instituições do Estado e no interior da estrutura eclesiástica, como na relação entre ambas. Neste contexto foram vários os tempos que se sucederam, invariavelmente de mudança e de fratura maior ou menor, no interior da sociedade e dos vastos territórios então controlados pela coroa portuguesa. Neste mundo viveu António Barroso, que não pôde deixar de compreender e de se mover em cenários nos quais a missão e a ação da Igreja, tanto no espaço colonial como na metrópole, foram entendidas como potenciais instrumentos da ação do Estado.

De facto, o universo missionário constituiu o primeiro palco de atuação e intervenção do jovem clérigo formado em Cernache do Bonjardim. No entendimento de Hugo Gonçalves Dore, António Barroso ter-se-á confrontado e envolvido na intrincada teia das disputas coloniais que correspondiam, em África, ao sempre difícil equilíbrio político das potências europeias. Aí terá ganhado experiência e formado muita da sua visão do universo eclesial, uma vez convertido em mais um ator da política ultramarina portuguesa. Seguramente foi testemunha direta dos esforços portugueses no sentido de manter a influência nacional na África austral, invariavelmente apoiados na valorização dos argumentos da tradição histórica.

Testemunhou igualmente a profunda reconfiguração da estrutura do clero português, nomeadamente ao nível paroquial, aqui estudada por Sérgio Ribeiro Pinto. O longo de processo de transformação da Igreja e do clero, encetado com a implantação do liberalismo, foi objeto de sucessivas reformas nunca verdadeiramente concluídas. Daí resultou uma diversidade de situações bem espelhadas nos movimentos associativos promovidos pelo clero e nas difíceis relações entre a Santa Sé e o Estado. Esta conjuntura viu-se prolongada na República, mantendo-se graus idênticos de ambiguidade e conflitualidade, num quadro em que o regime político triunfante rejeitou qualquer dimensão confessional.

Depois do seu percurso missionário em África e na Índia, onde, por certo, acumulou experiências e alicerçou as suas convicções, fortalecidas na permanente relação com a metrópole portuguesa, António Barroso estava seguramente preparado para o novo múnus que lhe foi confiado. Chegado à diocese do Porto, pôde observar a Igreja que aí se vinha adaptando à continuada mudança. Sobre isto escreve Adélio Fernando Abreu, que traça o quadro desta diocese nas últimas décadas do século XIX, quando foi pastoreada por D. Américo Ferreira dos Santos Silva. D. António Barroso recebeu uma Igreja implantada num vasto território recentemente alargado na sequência da nova circunscrição diocesana de 1882. A nova reconfiguração espacial integrava diversificados agentes pastorais, designadamente um clero diocesano formado e disciplinado, e apresentava fecundas dinâmicas de apostolado laical, tão marcantes e pioneiras no Porto oitocentista.

Depois do desenho do universo em que viveu e se movimentou António Barroso, o estudo de António Júlio Limpo Trigueiros aproxima-nos do homem inserido nas suas raízes locais e familiares, enquanto dava os primeiros passos da sua formação. Oriundo do ambiente rural de Entre Douro e Minho, cedo conviveu com um quadro socioeconómico onde, em paralelo com os cíclicos trabalhos agrícolas, se vivia intensas relações de familiaridade e proximidade. As primeiras letras aprendeu-as precisamente neste contexto, alargado entretanto a uma escola próxima. Do coração do Minho rumou a Cernache do Bonjardim, para iniciar os seus estudos eclesiásticos. Na interação de todas estas influências forjou-se uma personalidade sólida nas convicções e na vontade de agir. Estes traços mantiveram-se ao longo de toda a sua vida marcada por uma frequente relação à sua terra natal, onde acabou por residir durante o período de exílio, e permitiram-lhe resistir, nos últimos e muito atribulados anos, às vicissitudes decorrentes da implantação da República.

Como é referido, especial relevância assumiu na vida de António Barroso a sua ação missionária. Para ela se formou no Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim, antes de partir para o que viria a ser um amplo percurso em terras de missão, como regista Amadeu Gomes de Araújo, que traça detalhadamente os seus passos desde Angola/Congo até Meliapor, passando por Moçambique, intercalados com deslocações e permanências no continente. Muito teve o missionário que recorrer à sua formação no confronto com as realidades em que viveu. A sua sensibilidade e atenção permitiram-lhe moldar-se e adaptar-se aos contextos de missão, sugerindo-lhe também elementos que lhe possibilitaram intervir tanto na renovação da formação dos missionários como nas discussões em torno do Padroado português.

À face missionária cedo associou António Barroso o seu múnus episcopal, dimensão esta que se cumpriria plenamente na diocese portugalense. Coube a Carlos A. Moreira Azevedo estudar este decisivo e derradeiro período da vida do prelado, encerrando também as abordagens que animaram a realização do colóquio. O estudo privilegia as intensas relações com a Santa Sé, traduzidas num vasto corpo epistolográfico, em que ocupa lugar especial a correspondência com o núncio. Ficou bem patente quanto esta documentação espelha a amplitude dos temas e das questões em que se envolveu o prelado, desde os padres pensionistas às cultuais, passando pela questão da Bula da Cruzada e pela reconfiguração das dioceses e a escolha de novos bispos. Emerge uma personalidade forte e intensa que levou até aos limites da própria existência física o sentido de serviço e de intervenção no seu tempo e na sua Igreja. Mas emerge também um perfil de pastor animado por um fecundo discernimento e coerência.

Homem do seu tempo e no seu tempo, D. António Barroso transformou-se, graças à sua personalidade e permanente intervenção, em ator e observador

privilegiado do mundo em que viveu. Por isso mesmo, através dele acercamo-nos do complexo Portugal que entre os finais de Oitocentos e as primeiras décadas do século XX tardava em assumir plenamente as circunstâncias e as potencialidades da contemporaneidade.

*Adélio Fernando Abreu\**

*Luís Carlos Amaral\*\**

---

\* Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal (UCP-CEHR).

\*\* Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – Faculdade de Letras da Universidade do Porto (CITCEM-UP); Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal (UCP-CEHR).